

2

A tradição Gramatical

Para verificarmos a relevância deste trabalho, fizemos, primeiramente, uma análise sobre a descrição do *presente do indicativo* em três gramáticas de língua materna: *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha & Lindley Cintra (2001), *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (1999) e *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (2005). Nosso objetivo é verificarmos como o presente do indicativo (e seu emprego) é apresentado nas gramáticas, levando-se em consideração principalmente a abordagem utilizada pelos autores. Acreditando que um estudo aprofundado do tema, proposto nesta dissertação, possa auxiliar a prática de ensino, optamos por analisar também duas gramáticas adotadas nas escolas do ensino fundamental e médio: *Nossa Gramática – Teoria e Prática*, de Luiz Antonio Sacconi (1985) e *Gramática Nova*, de Faraco e Moura (1992).

2.1

Nova Gramática do Português Contemporâneo

Cunha e Cintra iniciam seu capítulo sobre verbos com a seguinte definição: “Verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo” (2001:378). Mais adiante os autores classificam tempo como a “variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo” (2001:381). E acrescentam:

Os três tempos naturais são o presente, o pretérito (ou passado) e o futuro, que designam respectivamente, um fato ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala. Cunha & Cintra (2001:381).

A *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2001:448) elenca cinco empregos para o presente do indicativo:

- (a) para enunciar um fato atual, que ocorre no momento em que se fala – É noite.
- (b) para indicar ações e estados permanentes (verdades científicas, dogmas, artigo de lei) – A Terra gira em torno do próprio eixo.
- (c) para expressar uma ação habitual – Como pouquíssimo.
- (d) para dar vivacidade a fatos passados – Serpentinas cortam o ar carregado de éter... (descrição de um carnaval antigo).
- (e) para marcar um fato futuro, mas próximo – Amanhã mesmo vou para Belo Horizonte.

Os autores distinguem como sendo de “valores afetivos”, próprios da linguagem coloquial, três outros casos em que o presente do indicativo é usado:

1. no presente histórico ou narrativo;
2. em afirmações condicionadas (*Se ele partir amanhã, sigo com ele.*);
3. em substituição ao imperativo, “como forma delicada de linguagem. Para atenuar a rudeza do tom imperativo.”

Segundo os autores, o modo indicativo é usado para exprimir-se uma ação ou um estado “considerados na sua realidade e na sua certeza” (Cunha & Cintra, 2001: 448). Já o aspecto é diferenciado do tempo, do modo e da voz do verbo por designar “uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo”.

A *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2001:xxiv) é, como seus autores definem no Prefácio, “uma tentativa de descrição do português atual [a primeira edição data de 1985] na sua forma culta”. Os autores Celso Cunha, brasileiro, e Lindsey Cintra, português, pretendiam com a obra, atualizar a descrição do português contemporâneo, levando em conta “as diversas normas vigentes dentro do seu vasto domínio geográfico (principalmente as admitidas como padrão em Portugal e no Brasil)”.

2.2

Moderna Gramática Portuguesa

Em *Moderna Gramática Portuguesa* (1999), Bechara, com base em Roman Jakobson, assim define tempo e modo na introdução do capítulo sobre verbos:

Tempo ou nível temporal – assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior e o futuro ocorrerá depois deste momento (Bechara, 1999:212).

Modo – assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto - , como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo. (Bechara, 1999:212).

O autor apresenta também as definições de *tempo* e *aspecto* segundo Eugenio Coseriu. O *tempo* diz respeito à posição da ação verbal no percurso, enquanto o *aspecto* diz respeito à maneira de se considerar essa ação verbal no tempo.

Evanildo Bechara (1999:221) identifica como sendo tempos do verbo o *presente*, o *pretérito* e o *futuro*. E assim os define:

PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos;

PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito;

FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em futuro do presente e futuro do pretérito. (Bechara, 1999:221)

O presente pode denotar uma declaração que:

- (a) *se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala. Ex: Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo.*
- (b) *que acontece habitualmente. Ex: A Terra gira em torno do Sol.*
- (c) *que representa uma verdade universal. Ex: O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprovava. (Bechara, 1999:276)*

Bechara acrescenta que o presente pode empregar-se no lugar do *pretérito*, do *futuro do indicativo*, do *pretérito imperfeito do subjuntivo* e do *futuro do subjuntivo*.

2.3

Gramática Normativa

Rocha Lima conceitua o verbo como uma categoria que “expressa um fato, um acontecimento” (2005:122). Em seguida o autor define os termos *modo*, *tempo*, *pessoa* e *voz*. Para o presente trabalho, nos interessa fundamentalmente os conceitos de *modo* e *tempo*, que reproduzimos abaixo:

O MODO caracteriza as diversas maneiras sob as quais a pessoa que fala encara a significação contida no verbo; distinguem-se três modos: indicativo, subjuntivo, imperativo. (2005: 122)

O TEMPO informa, de maneira geral, se o que expressa o verbo ocorre no momento em que se fala, numa época anterior, ou numa ocasião que ainda esteja por vir; são fundamentalmente, três os tempos: presente, pretérito e futuro. (2005:123).

O autor não menciona os empregos do tempo presente do indicativo.

2.4

Nossa Gramática – Teoria e Prática

Luiz Antonio Sacconi (1985) ao elaborar sua gramática baseia-se na norma culta da língua, privilegiando os autores clássicos. No prefácio da obra, o autor apresenta uma visão bastante limitada do que considera ser gramática:

Gramática é a ciência que registra os fatos da norma culta, da língua literária, sistematizando-os para recomendá-los aos que pretendem elegância e bom-senso na comunicação oral e escrita.

(...) [A gramática] surgiu sobretudo como um fator de uniformização, como um apanhado geral que se propunha mostrar o uso dos escritores maiores da língua. (Sacconi, 1985: apresentação)

Segundo a Nossa Gramática (1985:158,159), o presente indica que o fato:

- *acontece no momento em que se fala – presente pontual ou momentâneo. Ex: Vejo uma estrela.*
- *começa num passado mais ou menos distante e perdura ainda no momento em que se fala – presente durativo. Ex: Moro onde não mora ninguém.*
- *é uma verdade universal. Ex: A lua gira em torno da terra.*
- *Costuma acontecer ou se repete mais ou menos com frequência – presente habitual ou iterativo. Ex: Gosto de música.*

Quanto ao emprego do presente do indicativo, o autor apresenta quatro casos:

- *O uso do presente em lugar do pretérito perfeito com a finalidade de realce e vivacidade na narração – presente histórico. Ex: Jesus toma-o pela mão.*
- *O uso do presente em lugar do futuro do presente para indicar um futuro próximo: vou amanhã a Piraçununga; e para indicar tempo indeterminado: logo que puder, parto para o Canadá.*
- *O uso do presente em lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo. Ex: Se percebo a manobra, não caía nessa.*
- *O uso presente em lugar do futuro do subjuntivo. Ex: Se chegas logo, verás o disco-voador.*

2.5

Gramática Nova

Faraco e Moura (1992) elaboraram uma gramática voltada preferencialmente para alunos do ensino fundamental, com linguagem bastante acessível e exemplos retirados de jornais, revistas, quadrinhos e propaganda. Na apresentação da obra, os autores manifestam sua visão sobre o que consideram importante na constituição de uma gramática e no processo de aprendizagem:

Expressar-se de forma competente na própria língua é uma necessidade inegável para o bom desempenho (...). Para isso, é necessário apropriar-se das normas e estruturas do chamado padrão culto da língua, o que se pode conseguir também por meio do estudo da gramática. Mas (...) um livro que se propõe a ensinar gramática não deve basear-se exclusivamente em modelos literários e sim incorporar a língua escrita em suas diversas manifestações. (Faraco e Moura, 1992: apresentação)

Os autores definem o tempo presente como aquele em que “o fato ocorre no momento em que se fala” (1992:179) e apresentam três casos em que o presente do indicativo é empregado:

- *Para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala*
- *Para expressar uma verdade científica, uma lei*
- *Para expressar um fato passado, geralmente nos textos jornalísticos e literários.*

2.6

Advérbios de tempo

Para ampliarmos nosso estudo, analisamos também como as gramáticas tratam os advérbios de tempo. Os tempos verbais são marcadores de tempo em potencial, no entanto, os advérbios, as locuções adverbiais temporais e as orações adverbiais de tempo também são capazes de localizar temporalmente o enunciado.

Bechara (1999:290) classifica os advérbios denotadores de tempo como aqueles em que as características semânticas prevalecem sobre os critérios funcionais e dá como alguns exemplos: *agora, hoje, tarde, antes, etc.*

Rocha Lima (2005:175), além dos já citados, lista mais alguns advérbios: *ainda, amanhã, ontem, logo, já, tarde, cedo, outrora, então, depois, imediatamente, anteriormente, diariamente, etc.*

Há ainda as locuções adverbiais. Cunha & Cintra (2001:545) listam algumas: *à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de quando em quando, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã, etc.*

Em seu interessante trabalho sobre a relação espaço e tempo na língua portuguesa, Pontes (1992:76) examina com mais detalhes, a partir de uma visão semântica, os advérbios temporais, relacionando-os ao momento da fala.

Segundo a autora, *hoje, ontem, amanhã e agora* têm relação com o momento da fala, sendo *hoje* o dia em que se dá a fala – *hoje eu vou ao cinema* - , mas podendo também abranger um período de tempo mais amplo – *hoje (em dia) não se usa mais espartilho*. *Hoje* pode ser usado tanto com o verbo no *presente* quanto no *pretérito perfeito*. No primeiro caso, indica que a ação é posterior ao momento da fala. No segundo caso, o perfeito indica que a ação já se realizou, ainda que seja no mesmo dia. O advérbio *amanhã* é descrito como sendo o dia depois daquele em que se está falando, podendo também representar, por extensão, o futuro – *amanhã vou ao cinema*. O advérbio *ontem* é o dia antes de *hoje* – *ontem fui ao cinema*. A autora assim conclui:

Vemos como o tempo é relativo ao momento da comunicação (...). Tomando-se o momento da fala, em referência ao qual se situa hoje, ontem se situa um dia antes, amanhã um dia depois, numa concepção linear de tempo. (...) Temos, então, o momento da fala servindo de referência a estes advérbios temporais (...). Pontes (1992:76)

Já os advérbios *sempre* e *nunca* independem do momento da fala, enquanto que *agora* tem seu uso relacionado ao momento da fala.

Com o Presente, o uso de agora indica que a ação vai se realizar logo depois do momento da fala e com o Perfeito, que se realizou pouco antes – Vou lá agora (mesmo); Fui lá agora (mesmo). Pontes (1992:77)

Segundo a autora o tempo é concebido de maneira linear, em que os acontecimentos se sucedem. O gráfico abaixo proposto por Ponte (1992:82) mostra que alguns advérbios de tempo participam dessa concepção linear, situando-se em relação ao momento da fala.

Quadro 1

ontem antes cedo ainda	X agora hoje	amanhã depois tarde já
(+) sempre (-) nunca		

Na primeira linha estão os advérbios referentes a momentos antes do presente (ou daquele ponto estipulado como ponto de referência), no meio estão os advérbios que se colocam simultaneamente a este momento e na última fila os que se colocam depois. Conclui-se que o tempo é concebido a partir de visão espacial, uma “metáfora espacial” – a metáfora da linha.

Como pudemos perceber os advérbios têm participação fundamental para marcar o tempo da enunciação. Fato que vem auxiliar nossa pesquisa em dois pontos: (i) o emprego do presente não necessariamente, ou unicamente, está desempenhando a função de marcador temporal na oração. Como veremos no Capítulo 6, ele pode ser uma estratégia discursiva do falante; (ii) o tempo do acontecimento lingüístico é dado não só pelo verbo mas pela combinação entre elementos da enunciação.

2.7

Aspecto verbal

Embora o aspecto não seja visto como uma das categorias principais do português, entendemos que ele seja de fundamental importância à língua por nos permitir interpretar as nuances semânticas contidas na ação verbal. Não se pode falar em aspecto sem citarmos Castilho (1967), que apresenta um dos trabalhos mais completos em português sobre o tema. Castilho (1967:14) conceitua aspecto como sendo “a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos

pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É pois a representação espacial do processo”.

Como aponta Campos (1997:10) “é na interpenetração das duas categorias – aspecto e tempo – que se constrói a significação”. Bechara (1999:213) também enfatiza a relação entre tempo e aspecto:

A pura definição temporal e o tempo aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo.

Travaglia (1980:142) contribui com importante trabalho sobre o tema, analisando a expressão do aspecto pelas flexões verbais. O autor conclui que o presente do indicativo em si marca os seguintes tipos de aspectos:

- (a) *imperfectivo – Tenho muitos selos antigos.*
- (b) *cursivo – O paciente respira bem agora.*
- (c) *habitual – Ele janta às 17 horas.*
- (d) *indeterminado – Este cachorro morde.*
- (e) *não-acabado – José está doente.*

Cunha & Cintra (2001:382) dividem, gramaticalmente, os verbos em dois grandes grupos de formas: *perfeitas* ou *mais-que-perfeitas*, de um lado, e as *imperfeitas*, de outro. Além dessa divisão básica entre as formas verbais, os autores consideram também como característica aspectual os valores semânticos intrínsecos ao verbo. Nos exemplos:

João começou a comer.

João continua a comer.

João acabou de comer. (Cunha & Cintra, 2001:382)

O significado dos auxiliares - *começou, continua, acabou* – diferenciam o sentido das orações. A primeira frase transmite o aspecto *incoativo* (“que exprime um processo considerado em sua fase inicial”); a segunda caracteriza-se pelo

aspecto *permansivo* ou *durativo* e a terceira oração traz em seu sentido o aspecto *conclusivo*.

Para Jakobson (*apud* Bechara 2001:212) o aspecto caracteriza-se pela bipartidação da ação verbal: conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). As outras classificações de aspecto como a *durativa*, *incoativa*, *iterativa*, *terminativa*, etc, seriam subdivisões da categoria *inconclusa*.

Para este trabalho não nos cabe maiores detalhamentos sobre cada uma dessas subdivisões. Interessa-nos aqui a contribuição da visão aspectual para a percepção das nuances semânticas contidas no presente do indicativo.

2.8

Considerações preliminares

Como observa Pontes, nossa concepção do tempo é linear. O tempo é percebido como uma linha, onde o ponto *passado* é anterior ao ponto *presente* que, por sua vez, antecede o ponto *futuro*. Mas será que podemos delimitar quando termina o passado, quando começa o presente ou o futuro? *Ontem* já é passado ou ainda é presente, sendo algo que eu acabei de viver? *Amanhã* já é futuro ou é um prolongamento de *hoje*? Pensar ou repensar esses conceitos é algo fascinante. E ao contrário do que possa parecer, essa não é uma tarefa somente para filósofos. Fazemos isso o tempo todo, através da língua. Por exemplo, quando analisamos esse relato de um assalto, feito uma semana depois do ocorrido:

Aí ele pega e fala: “Entrega a bolsa ou leva bala”. Eu faço o quê? Entrego tudo, na hora entrego. (12/03/06)

Por mais que o calendário informe que isso é passado, essa pessoa ainda vive esse acontecimento, ainda faz parte de seu presente. Esse é o tempo do discurso, uma criação da linguagem.

As gramáticas normativas em suas definições – não somente em relação ao presente do indicativo, mas de um modo geral – não são exatamente claras quanto à base teórica e à metodologia usadas. Peguemos o exemplo da definição de Faraco e Moura: o tempo *presente* é aquele em que “o fato ocorre no momento em

que se fala” (1992:179) e apresentam três casos em que o presente do indicativo é empregado:

- *Para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala*
- *Para expressar uma verdade científica, uma lei*
- *Para expressar um fato passado, geralmente nos textos jornalísticos e literários.*

Se logo acima eles relacionam presente com o momento atual, como podem em seguida identificá-lo com um fato no passado? Mais uma vez vemos semântica e sintaxe mesclarem-se nas definições gramaticais. Peguemos nosso exemplo acima: *Entrego tudo, na hora entrego*. Sintaticamente temos o verbo *entregar* flexionado na primeira pessoa do singular, no tempo presente do modo indicativo. Semanticamente, o verbo *entregar* situa os participantes da interação em um momento anterior ao atual, trazendo a vivacidade do fato à interação. Talvez falte às gramáticas normativas, de uma maneira geral, essa divisão mais clara entre forma e significado.

Perini (2005) insiste na necessidade de se estudar separadamente forma e significado, para em seguida partirmos para o estudo da relação entre os dois. Por ser essa relação quase sempre complexa - dificilmente encontraremos na língua uma forma com um único significado -, os problemas se generalizam quando ocorre a análise de estrutura e de significado simultaneamente.

Entende-se, portanto, a descrição de uma língua como composta essencialmente de três componentes: uma descrição formal; uma descrição semântica, e, finalmente, um sistema que relaciona o plano semântico com o plano formal. Perini (2005:40)

Em Cunha & Cintra e Bechara, a definição de tempo presente como aquele que designa “um fato ocorrido no momento em que se fala” não condiz com os exemplos apresentados pelos autores em que o presente pode indicar também passado e futuro. Parece haver uma dissonância entre os conceitos de tempo e de momento de fala. Ao contrário do que as gramáticas preconizam, essa relação não é direta – o presente não indica somente fato ocorrido no momento da fala, assim como o passado e o futuro não correspondem somente ao momento anterior e

posterior, respectivamente, ao momento da fala. Sacconi apresenta o tema já com suas variações (cf pg 8), evitando uma definição única sobre o conceito de tempo.

Dentro do discurso todos os tempos estão contidos e a escolha de um ou de outro é subjetiva: as divisões temporais são traçadas pelo falante a partir do ponto de referência por ele construído. Como aponta Kátia Chalita Mattar (1979:6), “só falamos de um presente, um passado ou um futuro relativos, jamais absolutos”. Ou seja, a cada enunciado, instaura-se um tempo abstrato. Presente, passado e futuro são, assim, noções relativas, que se realizam no acontecimento lingüístico, tomando-se como referência o instante do ato de fala.

Os dois capítulos seguintes tratam um pouco das questões levantadas nessa seção: (i) o conceito de tempo; (ii) a importância de uma gramática que respeite os aspectos sintáticos e semânticos da língua e que trabalhe a relação forma e significado.